

De casal a família ampliada... E depois?

Se não forem respeitadas as “fronteiras” entre a intimidade do casal e a relação com os filhos, o casamento pode “azedar”.

“...A situação fica complicada quando um dos cônjuges começa a sofrer com o fato de a intimidade do casal “ter ido para o espaço”. Afinal, eles não ficam mais a sós, e quando ficam estão esgotados; nunca mais viajarão romanticamente ou jantaram à luz de velas desde que se tornaram pai e mãe. Será que para sermos pais dedicados e amorosos temos de abdicar da intimidade e envolvimento prazeroso de um casal?

Na união de duas pessoas, cria-se um terceiro elemento, que é o casal, onde são depositadas muitas expectativas, planos, segurança e afetos. Um casal “vivo” só permanece assim mantendo uma intimidade própria e impenetrável a qualquer outra pessoa, inclusive os filhos.

Assistir e respeitar essa intimidade é uma escola para os futuros relacionamentos das crianças.

Quando isso acontece, nós, pediatras, passamos a acompanhar o sofrimento da família. O pai torna-se muito seco, agressivo e fica cada vez mais fora de casa. A mãe fica frustrada com a pouca participação do pai em casa e torna-se superprotetora, e quanto mais superprotetora, mais o pai fica agressivo e a criança, com medo. A indiferença dentro do casal vai aumentando e assim chega a ser um alívio quando o filho fica entre eles na cama ou nos passeios. Mesmo nos momentos que estão a sós, esses casais trazem o filho como único assunto mais íntimo. A criança sente a angústia dos pais e se oferece em sacrifício, ficando acordada até altas horas e indo cedo para a cama deles, que acabam, sem perceber, usando o filho como escudo, pois têm medo de ficar sozinhos em contato com o “buraco” da relação.

Parece, nesses casos, que a relação pais e filho ocupa o mesmo espaço da relação homem e mulher, na qual as expectativas de afeto são transferidas de uma relação para outra, sem distinção. A única solução parece ser a separação da família, em vez de fazer a devida separação dentro da família. Por isso, a importância de estabelecer fronteiras, onde cada um tenha o seu espaço e seu papel. Onde o casal possa coexistir e crescer, junto com seus filhos.”

Dr. Aranha, pediatra antroposófico (artigo para revista Pais&Filhos, junho 2004)